

[111]

Vive la France

14-07-01

[Por que, enquanto uns dizem ‘o Mercosul morreu’, os europeus resolvem doar US\$ 1 milhão à SAM?]

[Nos últimos 50 anos muitos analistas decretaram o fim da integração europeia]

“Sejamos ambiciosos!” foi a frase de efeito lançada em março de 1997 pelo presidente da república francesa, Jacques Chirac, durante discurso ao Congresso brasileiro no qual expôs sua “visão do mundo”. De um mundo inexoravelmente multipolar, organizado em “conjuntos regionais coerentes”, como o Mercosul. Ao se referir-se indiretamente à proposta da Alca, sugeriu que essa “integração vertical” não poderia ser suficiente a uma grande potência como o Brasil, “cuja vocação é ter relações com o mundo inteiro, e notadamente com a Europa”.

Recordar estas palavras pode ser útil na reflexão sobre a proposta de redução de tarifas apresentada há uma semana pela União Europeia, justamente quando a deterioração das relações entre o Brasil e Argentina parecia cobrir de razão os que adoram proclamar que “o Mercosul acabou”. Nos quatro anos que se passaram desde a visita de Chirac, todos os órgãos da imprensa brasileira não se cansaram de apresentar o Brasil e seus sócios como piedosas vítimas do protecionismo europeu, atribuindo aos franceses a principal responsabilidade. Agora, um alto funcionário do governo brasileiro comenta em conversa informal com a Agência Estado que nunca antes foi apresentado algo semelhante a essa proposta europeia no âmbito de uma negociação comercial. “Trata-se de um documento que vai obrigar o Brasil a fazer um exercício de elaborar uma proposta séria que nunca fez, já que, nos últimos dez anos, se restringiu apenas a abrir unilateralmente seu mercado, até porque, provavelmente, não tinha outra saída a não ser a de se inserir no processo de globalização”, disse essa fonte ao enviado especial a Montevideu, Vladimir Goitia.

Uma das normas desse tipo de negociação é a de que as propostas só são apresentadas pelos dois lados ao mesmo tempo. Mas a União Europeia decidiu quebrar a regra por entender que o processo de integração do Mercosul será forçosamente longo e difícil. “Nossa decisão de fazer uma oferta foi um sinal de confiança”, disse o francês Pascal Lamy, discípulo de Jacques Delors e atual comissário para comércio da UE. Confiança de que o Mercosul seguirá o exemplo da UE, criando instituições supranacionais capazes de lhe dar estabilidade e eficiência. E como forma de apoio a essa institucionalização, a Comissão Europeia doará US\$ 1 milhão para a Secretaria Administrativa do Mercosul (SAM), com sede em Montevideu.

O processo de unificação da Europa já tem 50 anos. Começou em 1951, com o tratado que instaurou a Comunidade do Carvão e do Aço. Três anos depois enfrentou uma de suas piores crises, com o fracasso das negociações sobre a criação de um exército comum. As bases da integração econômica foram lançadas em 1957, com o Tratado de Roma, mas a efetiva união aduaneira só se realizou em 1968. O início da integração política remonta a 1979, com a primeira eleição do parlamento, mas a verdadeira construção da atual União só começou de fato em 1993, depois da aprovação do Tratado de Maastricht. E o euro, moeda de 11 dos 15 países da UE, foi implantado em 1999, mas só agora começa a substituir de fato as moedas nacionais.

O que não faltou durante esse meio século foi comentarista anunciando o fim da integração. A cada conflito entre a França e a Alemanha, ou a cada tergiversação da Grã Bretanha, proliferavam profecias sobre o fim

da Europa. Todas elas fruto de deslavado reducionismo econômico. Como eram muito diversos os interesses nacionais (entre os 6 países que assinaram o Tratado de Roma em 1957, os 9 de 1973, depois 10 em 1981, 12 em 1986, e 15 em 1995), sempre houve motivo para descrédito no projeto de integração. Todavia, “é a política que conduz a economia mundial e não o inverso”, martela o britânico Jonathan Story, professor do Insead, em Fontainebleau, desde 1987. Não há explicação para a constituição da UE que resulte das doutrinas econômicas disponíveis.

Exemplo bem atual é que a internacionalização das empresas tem sido muito mais significativa na França do que nos outros países da UE. Surpresa trazida por recente pesquisa encomendada pelo jornal Le Monde à firma de consultoria americana Georgeson Shareholder. Segundo a análise que acompanhou sua publicação em 15/6, foi o medo de ser acusado de má gestão que levou o governo da esquerda plural a se mostrar tão diligente em matéria de privatização, de desregulamentação, e de abertura do capital das empresas francesas aos fundos de pensão anglo-saxões. Algo que vem do início dos anos 1990, mas que se intensificou desde 1997. Um “complexo” que faz “a França socialista” ser “muito mais liberal do que parece”.

O que pode haver de comum entre a atraente proposta trazida por Pascal Lamy e esse liberalismo econômico do governo dirigido pelo “camarada Michel”, nome de guerra do ex-trotskyista Lionel Jospin? Uma forma de ousadia que faz 212 anos neste 14 de Julho, admiravelmente dissecada por Michel Vovelle no livro Jacobinos e jacobinismo (Bauru, SP: Edusc, 2000). O Uma obra que não deveria tão ser tão ignorada pelos que lidam com relações internacionais.